

PROCESSO DE ESCRITA DAS CRIANÇAS: UMA ANÁLISE¹

Ana Paula Rocha Ribeiro

Acadêmica de graduação do curso de Pedagogia
Faculdade de Educação Santa Terezinha - FEST
anapaula.rocharibeiro.096@gmail.com

Danielle de Sousa Ferreira

Acadêmica de graduação do curso de Pedagogia
Faculdade de Educação Santa Terezinha - FEST
daannysf@gmail.com

Aparecida de Lara Lopes Dias

Orientadora: Profa Mestre
Faculdade de Educação Santa Terezinha - FEST
dlarasarte@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo trata da alfabetização e letramento, e objetiva uma análise dos processos de escrita das crianças na Educação Infantil. Para tanto, aponta-se as discussões teóricas sobre o sistema de escrita, onde a compreensão da natureza são as produções naturais que as crianças realizam quando escrevem algo, e neste contexto, é de suma importância que sejam valorizadas, pois se trata das primeiras iniciativas, pelas quais se começam os processos de alfabetização e de letramento, devendo ser devidamente interpretado pelos professores para depois ser avaliado. Na busca do alcance deste objetivo foi realizada uma pesquisa de cunho qualitativo com duas professoras envolvendo a sua prática pedagógica para uma efetiva coleta de dados. Os dados apresentaram o processo de escrita das crianças atrelada a uma prática estereotipada onde atividades envolvendo letras e sílabas soltas são encarregadas a dar intencionalidade ao desenvolvimento da linguagem oral e escrita.

Palavras-chave: Processos. Linguagem. Alfabetização. Letramento.

1 INTRODUÇÃO

O referente artigo objetiva a percepção dos processos de escrita das crianças na Educação Infantil, partindo dos pressupostos de autores como Emília Ferreiro (2001, 2003), Soares (2004) entre outros, os quais defendem que nesse processo a criança precisa se sentir encorajada para ser sujeito de sua própria aprendizagem.

Para tanto, é de grande relevância a reflexão sobre os processos de alfabetização e de letramento para construção do conhecimento, pois o mesmo é considerado a base para o desenvolvimento de um cidadão crítico, pensante e participativo, assim, considera-se que esses

¹ Trabalho proposto na disciplina de Fundamentos Teóricos Metodológicos da Alfabetização e Letramento, no IV Período do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação Santa Terezinha - FEST.

processos estão diretamente interligados, não tendo eficácia um sem o outro, e sua significância se amplia quando trabalhada dentro da perspectiva da realidade da criança.

Com isso, o referente artigo aborda concepções e entendimentos sobre alfabetização e letramento, tanto dos autores mencionados anteriormente como das duas professoras que atuam nas escolas públicas de Imperatriz-Ma do 1º ao 5º Ano da Educação Infantil, como sujeitos desta pesquisa. Sendo esta de cunho qualitativo, se utilizou de entrevistas semiestruturada como principal instrumento para a coleta de dados.

2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: início de conversa

A trajetória do processo da alfabetização escolar no Brasil, seu desenvolvimento e metodologias, surge a partir de estudos de linguistas que buscaram compreender a relação da criança com o mundo da escrita.

Desde então, posturas inovadoras surgem induzindo a refazer o mesmo caminho do que já foi feito no método tradicional, não descartando esse, mas, utilizando-se de elementos para repensar os desvios indesejáveis dos descaminhos na trajetória da alfabetização. Nesse sentido, Soares (2004, p. 26) conceitua o surgimento da palavra alfabetização quando afirma que a mesma “foi introduzida há pouco menos de duas décadas nas ciências linguísticas, e surgiu da necessidade de configurar e nomear os comportamentos e práticas sociais referentes à leitura e a escrita que ultrapassa o domínio do sistema alfabético e ortográfico”.

A relevância do conceito de alfabetização e a necessidade de lhe atribuir nova roupagem fizeram surgir no cenário educacional o conceito de letramento. A adjetivação de que alfabetizar é muito mais do que apenas ensinar a codificar e decodificar alarga o sentido de que o mesmo é um processo que tem início, mas não tem fim, ou seja, enquanto vida tiver o indivíduo experiência e melhora a sua forma de se comunicar seja pelo ato de letrar e falar (FERREIRO, 2003).

Estar em letramento, segundo Ferreiro (2003), é, constantemente, contactar com diversos tipos de textos. É compreender de fato tudo o que se lê. Nesse aspecto, não cabe dizer que se deixa de se alfabetizar e começa a se letrar, pois ambos não são processos estanques, ao contrário, a criança tem sua capacidade de linguagem tanto oral quanto à escrita desenvolvida a partir do momento que se vê imergida no mundo letrado. É preciso desmitificar que ler e escrever se dá num tempo e espaço determinado. A alfabetização em

nível de letramento se dá através do contato com os textos, da inserção em atividades grupais onde as crianças vão discutir sobre a necessidade da utilização das letras.

Assim, a concepção de alfabetização e de letramento, segundo as autoras mencionadas, vai se afirmando à medida que a criança se arrisca a representar na escrita aquilo que já aprendeu na fala, fazendo deste desafio um hábito no seu dia a dia.

2.1 Entre ler e escrever – um sentido, uma interpretação

As crianças não aprendem somente quando são estimuladas, pois, mesmo sozinhas são capazes de adquirir, seja pela visão, tato e/ou outros órgãos do sentido elementos que propiciem a leitura e a interpretação do mundo ao seu redor. Assim, compreende-se que as produções espontâneas, rabiscos, formas, desenhos, sons, gestos, ao serem realizadas, devem ser consideradas de grande relevância para sua aprendizagem, pois é a partir daí que se começa o processo de alfabetização e letramento. Nessa perspectiva, Ferreiro (2001, p. 17) afirma que “se pensarmos que as crianças são seres que devem pedir permissão para começar a aprender, talvez comecemos a aceitar que podem saber, embora não tenha sido dada a elas a autorização institucional para tanto”.

O entendimento dessa autora é de que a intervenção de um adulto se torna primordial para que a criança perceba a importância da escrita. Contudo, não se pode menosprezar que essa seja capaz de criar hipóteses sobre a escrita e de realizar leituras de determinadas palavras a partir do visual e de palavras repetidas como de uma música, por exemplo, sem ao menos ter tido contato na escola, ou seja, faz leitura de mundo ou pseudoleitura muito antes de entender que a fala pode ser reproduzida por sinais gráficos. Pois, a vivência do cotidiano a possibilita a realização de leituras por meio de portadores de texto: rótulos, escritas feitas em muros, outdoors, propagandas, entre outros.

Nesse aspecto, durante a pesquisa foi perguntada a duas professoras aqui representadas pela letra A e B como entendem o processo de escrita da criança na Educação Infantil. A professora A acredita que a escola é um espaço onde a escrita não deve só compor o livro e/ou materiais didáticos, mas todo contexto com cartazes informativos, ilustrações, sinais, entre outros, pois para ela a criança ao ser inserida na escola não chega ‘crua’, sem saber nada como muitos professores afirmam, mas já trazem em sua bagagem alguns de seus conhecimentos prévios. De acordo com Ferreiro (2001, p.17)

Saber algo a respeito de certo objeto não quer dizer, necessariamente, saber algo socialmente aceito como “conhecimento”. “Saber” quer dizer ter construído alguma concepção que explica certo conjunto de fenômenos ou de objetos da realidade. Que

esse “saber” coincide com o “saber” socialmente válido é um outro problema (embora seja esse, precisamente, o problema do “saber” escolarmente reconhecimento).

Assim, o saber sociocultural e familiar resulta no esforço coletivo, pois os primeiros conhecimentos de mundo se dão através de convivências familiares, sendo assim, a criança não é só capaz de repetir gestos, mas ao mesmo tempo, tirar suas próprias conclusões do que pode ser certo ou errado. De acordo com as concepções de Ferreiro (2001, p.20):

[...] as crianças dedicam um grande esforço intelectual na construção de formas de diferenciação entre as escritas [...]. Esses critérios de diferenciação são, inicialmente, intrafigurais, ou seja, consistem no estabelecimento das propriedades que um texto escrito deve possuir para poder ser interpretável, (ou seja, para que seja possível atribuir-lhe uma significação).

A professora B vem ao encontro do que menciona Ferreiro (2001) e também a professora A, para ela: “a escola precisa incentivar a escrita, pois muitas vezes na família os materiais escritos são escassos, seja pelo fato desta não ter condição financeira de comprar jornais e revistas, ou ainda, pela falta de costume”. Afirma que a criança convive muito mais com a televisão do que outros portadores de texto. E como professora, confessa que muitas vezes reproduz práticas pedagógicas da forma como foi ensinada – cópia e estereótipos.

Entende-se, a partir do mencionado, que as professoras têm conhecimento do papel da escola como espaço propício para desenvolver a escrita, assim como o seu que é ser mediador da aprendizagem, mas, se sentem sós nesse processo e não reconhecem o esforço intelectual da criança podado-as por entender que a mesma ainda não está preparada a fazer leitura do que está ao seu redor e nem se lançar a tentativa de reproduzir o que está escrito. Nesse caso, a reprodução de práticas pedagógicas que começa pela menor unidade que são as letras, por meio de exercícios repetitivos e cansativos para criança, é um conforto de que um dia irá escrever e ler. Desconhecem, contudo, que quanto mais tiver acesso a portadores de texto, a criança em aprendizagem irá descobrir que “a escrita (suas letras) podem corresponder a outras tantas partes da palavra escrita (suas sílabas). [...] a descoberta de que a quantidade de letras com que se vai escrever uma palavra pode ter correspondência com a quantidade de partes que se conhece na emissão oral” (FERREIRO, 2001, p.25).

Nessa perspectiva, as crianças começam a fazer as junções das letras para formar as sílabas, descobrindo que as quantidades das letras correspondem às partes que conhecem em sua oralidade. E nesse contexto se inicia a silabação, que irá se aperfeiçoando até a compreensão de que a palavra só tem sentido por inteira e quando se refere a algo que condiz com a realidade vivida (FERREIRO, 2001).

Assim, as duas professoras foram questionadas, ainda, sobre a prática e as metodologias utilizadas para o ensino e aprendizagem no processo de alfabetização e letramento. Para ambas se faz o que se pode, muitas vezes trazem revistinhas ou jogos lúdicos que possibilitam que a criança forme palavras manuseando letras e sílabas. Mas, consideram muito complicados, pois se queixam a todo o momento que não sabem escrever. Por isso utilizam atividades, cujo exercício é a cobertura de letras e palavras pequenas. E para constatar o aprendizado repetem várias vezes até aprenderem, na maioria das vezes, sem contextualização. As autoras supracitadas têm entendimento que esse é um processo mecânico e pode dificultar a compreensão daquilo que é significativo para criança, ou seja, sua contextualização.

Tanto Ferreiro (2001) quanto Soares (2004) citam que muitos professores escolhem atividades escritas que envolvem pequenas palavras – poucas sílabas – para construção silábica, no propósito de facilitar, no entanto, enfatizam que estas podem ser um controle silábico. Mas, quando planejadas, podem ser uma grande aliada, pois os monossílabos, por exemplo, na sua maioria, faz parte do mundo da criança no início de sua aprendizagem, principalmente, na atribuição de nomes a objetos, animais, coisas, gemidos, etc (FERREIRO, 2001). Nesse caso, as professoras devem utilizar-se dos próprios exemplos do contexto das crianças para compor jogos didáticos com o uso de imagens contendo os nomes das mesmas, para com sua intervenção, contextualizem oralmente formando frases e orações – se não souberem ler, as professoras serão escritoras para que as mesmas visualizem o que falam.

Nesse contexto, o processo da construção silábica marcará a passagem, ou seja, a transição, entre o conhecimento prévio e os conhecimentos futuros que devem ser construídos. É nesse processo, ainda, que a criança descobre que a sílaba não pode conter apenas uma unidade (letra) (FERREIRO, 2001). A compreensão da construção silábica é de suma importância para poder imaginar uma metodologia interventiva que parta do método tradicional – limitação da inquietude do saber – e construa novas formas de ver a criança e seu potencial alfabético. Assim, muitas vezes como se observou na pesquisa – se deixa de apresentar no cotidiano da criança os portadores de textos por entender que estas ainda não estão preparadas para as interpretações através da escrita.

Conseqüentemente, as crianças entendem que o conhecimento é algo adquirido por outras pessoas adultas e que só tem acesso por meio das mesmas, não se vendo como colaboradores e construtores de sua própria aprendizagem (FERREIRO, 2001).

Em destarte, é preciso somar esforço para que se desconstrua a visão apresentadas pela maioria dos professores, inclusive as pesquisadas, de que é a criança e sua família os maiores responsáveis pelo desenvolvimento da alfabetização e do letramento. Acredita-se que não há culpados, mas desafios que perpassam desde o investimento na formação dos professores. Nesse sentido, o hábito de leitura e o potencial literário devem ser prioridades tanto dentro quanto fora da sala de aula.

Portanto, a partir dos relatos das professoras pesquisadas, evidenciou-se que a prática pedagógica ainda se apresenta condicionada a repetição de exercícios estereotipados de letras e sílabas como atividades propostas para o aprimoramento das habilidades relativas à alfabetização de seus alunos. Embora se tenha percebido que, esporadicamente fazem uso do lúdico como atividade de expressão, analisou-se, neste, que não há intencionalidade em torno do letramento.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo e a pesquisa realizados proporcionaram uma reflexão de que a aprendizagem da leitura e da escrita deve ser de forma participativa tanto no âmbito escolar como fora dela. Compreendendo que o processo de alfabetização e letramento não são dois processos estanques, mas, um só, tendo o adulto, neste, um papel relevante como mediador e facilitador para que a criança, durante seu percurso como sujeito que aprende, desenvolva habilidades para ler e produzir conteúdos que perpassam do mundo escolar para o social.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emília. Entrevista concedida à Revista Nova Escola, n. 162, maio 2003.

_____. Reflexões sobre alfabetização: Tradução Horácio Gonzales (et. al), 24. Ed. Atualizada – São Paulo: Cortez, 2001 (Coleção Questão da Nossa Época; v. 14).

SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento: Caminhos e Descaminhos. Artigo publicado pela revista Pátio – Revista Pedagógica de 29 de fevereiro de 2004, Artmed Editora.